

DEFENDE EMBAIXADOR DA UCRÂNIA

A paz não pode ser condicionada



Rostyslav Tronenko

MANUEL MUCÁRI

“A GUERRA começa antes de haver o primeiro disparo, começa com a desumanização dos outros, com a culpabilização do outro e depois leva à autorização de que tenho de matar”, escreveu Mia Couto. Paraphraseando o escritor moçambicano, o Embaixador da Ucrânia em Moçambique, Rostyslav Tronenko, es-

“

Falamos ao Presidente Daniel Chapo que estamos aqui para trabalhar em prol da construção e aceleração das relações bilaterais com Moçambique ■

colheu estas palavras para abrir a entrevista concedida a Notícias. Nela, o diplomata revisita o percurso das relações entre Kiev e Maputo, destaca projectos em preparação para aprofundar a cooperação bilateral e aborda a guerra de agressão lançada pela Rússia contra o seu país. Afirma sentir um forte apoio internacional para que o conflito termine

Ucrânia em Moçambique. Mas, desde Fevereiro deste ano, estou aqui em funções, depois de apresentar as cartas credenciais ao novo Presidente da República de Moçambique, Daniel Chapo. Estamos aqui para trabalhar em prol da construção e aceleração das relações bilaterais.

NOT: Que áreas prioritárias já identificaram?



“As nossas relações iniciam uma nova página histórica”

— incluindo de Moçambique e de outros países africanos — mas ressalva que a Ucrânia não procura qualquer paz: procura uma paz que não seja imposta nem condicionada. A seguir, o leitor pode acompanhar partes desta entrevista.

NOTÍCIAS (NOT): Senhor Embaixador, o que nos pode dizer sobre o estado das relações bilaterais entre Moçambique e Ucrânia?

ROSTYSLAV TRONENKO (RT): Eu poderia caracterizar as nossas relações actuais como uma nova página histórica, embora venham de longe, desde o início da luta pela libertação de Moçambique. A Ucrânia Soviética esteve ao lado da Frelimo quando lutava para libertar o país. Depois da proclamação da Independência Nacional, pelo saudoso Presidente Samora Machel, continuámos juntos e os nossos laços humanos demonstram isso. Basta ver a quantidade de ucranianos que trabalharam e continuam a trabalhar aqui em várias áreas: professores, médicos, desportistas, geólogos,

RT: São muitas e coincidem com as prioridades do Governo moçambicano: a independência económica em várias áreas, a agroindústria, o agronegócio e segurança alimentar, mas também a transformação digital, a defesa e segurança, e os serviços básicos para a população moçambicana, como educação, saúde e segurança. Estamos aqui para acompanhar de perto e ajudar a implementar as prioridades do Governo moçambicano. Posso falar, de forma geral, das áreas que as Nações Unidas consideram prioritárias para o alcance do almejado desenvolvimento sustentável, que abrange as energias limpas e renováveis, assim como as questões de paz, segurança e defesa nacional.

NOT: Existem alguns acordos já preparados ou algo concreto em pipeline?

RT: Existem e foram preparados memorandos de entendimento e projectos de acordos em várias áreas: educação, área científica e técnica, agricultura e agronegócio, ensino superior, área técnico-militar, entre ou-

tras. Importa ressaltar que tudo foi preparado em conformidade com as prioridades do actual Governo.

NOT: A Ucrânia está envolvida numa guerra com Rússia, que em algum momento privou o mundo de uma quantidade significativa de cereais. Como é que o vosso país pode contribuir para que esses cereais cheguem com mais regularidade a países como Moçambique, que têm um défice alimentar muito grave e onde muitas pessoas passam fome?

RT: Já estamos a contribuir para a segurança alimentar de Moçambique desde Junho do ano passado, através do Programa Mundial para a Alimentação (PMA) das Nações Unidas. Enviámos seis embarcações para Moçambique, especificamente para as zonas sul, centro e norte, totalizando cerca de 100 mil toneladas métricas de produtos. O valor é de 16,5 milhões de dólares oferecidos por Portugal, Itália e outros países da União Europeia e Coreia do Sul. É uma gota no oceano da ajuda humanitária que as agências das Nações Unidas, os países europeus e outros parceiros enviam para a República de Moçambique.

ra injusta contra a Ucrânia desde Fevereiro de 2022. Lembrem-se de que, mal tinha terminado a pandemia, com todas as dificuldades e interrupções logísticas que afectaram os fluxos comerciais, a guerra provocou uma subida brusca dos preços dos

alimentos, combustíveis, fertilizantes e outros produtos, afectando a segurança alimentar não só de Moçambique e dos países

muitos anos insistem em tentar eliminar-nos — há mais de 11 anos, desde a ocupação ilegal da República Autónoma da Crimeia

“

O Presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, acredita firmemente que a voz de cada país conta para obrigar o agressor a aceitar um cessar-fogo ■

vizinhos, mas de todo o continente africano.

Dai surgiu a iniciativa do Presidente Volodymyr Zelensky (Grain from Ukraine) e, no caso de Moçambique, ela vem sendo implementada desde Junho do ano passado, ainda com o governo anterior, embora as últimas quatro embarcações tenham chegado já este ano.

NOT: Que outro contributo pode a Ucrânia dar a Moçambique?

RT: Foi precisamente isso que começámos a abordar com o Presidente Daniel Chapo desde a nossa primeira conversa, aquando da entrega das minhas cartas credenciais: a capacitação dos jovens. Uma das primeiras solicitações que recebi dizia respeito às possibilidades de formação na área do processamento de produtos agrícolas e na área veterinária. Enviámos ao Governo moçambicano a lista das nossas instituições de ensino superior interessadas e prontas a ajudar os estudantes moçambicanos a aperfeiçoarem os seus conhecimentos no campo da agricultura e do agronegócio.

O nosso instituto de sementes também está disposto a colaborar com parceiros moçambicanos no aperfeiçoamento de sementes e no que temos de melhor no processamento de produtos agrícolas.

Prendemos ajudar as Forças Armadas de Moçambique, que, como o Presidente Chapo referiu, trabalham dia e noite no combate ao terrorismo no norte, nas províncias de Cabo Delgado e Nampula, através do fornecimento de kits alimentares. Estamos prontos para partilhar a nossa experiência de resiliência e de como sobreviver a esta guerra injusta, a esta agressão total, sem qualquer respeito pelo direito internacional e do direito humanitário.

NOT: Como vê a posição de Moçambique nos fóruns internacionais relativamente à situação na Ucrânia?

RT: A posição de Moçambique é de neutralidade, e nós respeitamo-la. É a posição de um país soberano e independente, e Maputo tem todo o direito de escolher o seu posicionamento. A diplomacia moçambicana, com a qual mantemos contacto diário — não só ao mais alto nível, mas também com os seus funcionários — é algo que respeitamos e valorizamos muito. Respeitamos a vossa posição, mas estamos aqui também para dar a conhecer ao povo moçambicano e ao Governo moçambicano a nossa própria posição sobre a agressão que estamos a sofrer. Sentimos que o Governo e o povo moçambicano nos

e da cidade de Sebastopol em Fevereiro de 2014.

NOT: A Federação Russa invocou, para lançar a chamada “operação especial” na Ucrânia, a necessidade de desmilitarizar o país e acabar com o neonazismo. O que diz sobre essas justificações?

RT: Acho que, quando invocam esses motivos, subestimam profundamente as pessoas que os ouvem ou, perdoem-me a franqueza, tratam-nas como ignorantes, como se fôssemos analfabetos. Talvez tais argumentos sirvam apenas para quem nunca visitou a Ucrânia ou nunca leu a história da Ucrânia Soviética, que contribuiu com tantas vidas na luta contra o nazifascismo.

E agora dizem que somos nazistas? Com um Presidente judeu, de família judaica? Com um antigo Ministro da Defesa — actualmente presidente do Conselho de Segurança e Defesa Nacional — que é muçulmano tártaro da Crimeia? Dizer que somos nazistas? Chegamos a afirmar que a Europa é composta por seguidores ou criadores de um “Quarto Reich”. Todos sabem bem que isso não corresponde à verdade. Por isso, considero que utilizar esses argumentos russos é subestimar profundamente a inteligência das pessoas, não só do povo ucraniano, mas talvez até do próprio povo russo.

NOT: Pode nos contar qual é a natureza desta guerra?

RT: Esta guerra não é um

“

A posição de Moçambique é de neutralidade e nós respeitamo-la, pois é de um país soberano e independente ■

conflito interno. Trata-se de uma guerra da Rússia contra a Ucrânia. Não é um conflito, porque este pressupõe que uma parte provocou a outra. Eles justificam a agressão dizendo que querem acabar com o “neonazismo”, promover a “desmilitarização” ou impedir que a Ucrânia avance rumo às aspirações europeias e transatlânticas. Mas tudo isso que alegam e fazem na prática constitui uma violação das bases da ordem mundial, da segurança europeia e da própria Carta das Nações Unidas. Somos um país soberano e independente, e cabe ao povo ucraniano decidir o seu futuro. Quando fomos atacados em Fevereiro de 2014, éramos um país neutro

Mas, por vontade do povo e decisão do Parlamento ucraniano, foram definidas as prioridades da nossa política externa: aderir à União Europeia e integrar a Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO). Temos o direito soberano de tomar essas decisões, e os nossos vizinhos russos nada têm a dizer sobre isso, muito menos agredir e atacar o nosso país.

Esses ataques violaram acordos bilaterais que a própria Rússia se tinha comprometido a respeitar. Para não falar do Memorando de Budapeste, no qual renunciamos ao terceiro maior arsenal nuclear do mundo e, sob pressão, entregámos as armas nucleares à Federação Russa. Nesse memorando, eles comprometeram-se a não usar a força nem a ameaça da força contra



“Priorizamos a independência económica de Moçambique”

nós e, pelo contrário, a intervir caso a Ucrânia fosse ameaçada ou atacada.

NOT: Então Moscovo não cumpriu a promessa?

RT: Simplesmente nos atacaram, ou melhor, nos apunhalaram pelas costas, apesar de, durante tantos anos, terem jurado que éramos povos irmãos e que jamais pensariam em nos atacar. Por isso, quando agora asseguraram a todos que não vão atacar outros países da Europa, creio que ninguém acredita nisso. E penso que a entrada da Finlândia e da Suécia na NATO só confirma que não foi a Aliança Atlântica que provocou esta guerra. Pelo contrário, foi a Rússia, com esse comportamento imprevisível, agressivo e imperialista, que levou países historicamente neutros, como a Suécia — neutra durante os últimos 200 anos — a procurarem abrigo sob o guarda-chuva da Aliança do Atlântico Norte, pedindo essa segurança colectiva.

NOT: Como vê o apoio africano à causa da Ucrânia, tendo em conta que uma missão de paz liderada pelo Presidente sul-africano se deslocou a Moscovo e Kiev na tentativa de alcançar a

paz.

RT: Estiveram em Maio de 2023, em Kiev, o Presidente Cyril Ramaphosa, juntamente com o primeiro-ministro do Egipto, o Presidente da Zâmbia e vários outros líderes africanos. Foi uma iniciativa que valorizamos muito porque o Presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, acredita firmemente que a voz de cada país conta para obrigar o agressor a aceitar um cessar-fogo. Nós sempre estivemos, desde Fevereiro de 2014, prontos a negociar e a aceitar um cessar-fogo. Houve várias tentativas, mas a parte russa nunca aceitava ou violava o acordado. Até ao início da agressão aberta, realizámos mais de 180 rondas de negociações no âmbito do chamado Processo de Minsk, com o apoio da Ale-

magia e da França. Cortámos relações diplomáticas apenas em Fevereiro de 2022.

O Presidente Zelensky e a Ucrânia aceitaram incondicionalmente quando a administração dos Estados Unidos, do Presidente Donald Trump, propôs

um cessar-fogo em Março deste ano. No entanto, a parte russa disse que aceitaria, mas depois surgiram condições. Até agora, limitam-se a prolongar esta situação, porque acreditam que estão a ganhar a guerra. Por isso, a voz de Moçambique e dos outros países africanos conta, para obrigar o agressor a aceitar o armistício e sentar-se à mesa das negociações. É para isso que estamos aqui, é por isso que pedimos ao Governo moçambicano que levante a sua voz em defesa da Carta das Nações Unidas, da paz e da segurança.

NOT: A Ucrânia está disposta a sentar-se à mesa directamente com a Rússia para negociar a paz?

RT: O Presidente Zelensky afirmou várias vezes que está pronto para se encontrar com o líder russo e discutir a paz. Só que não nas condições que a Rússia tem repetido desde 2022 — “desnazificação”, “desmilitarização”, etc. Devemos negociar em condições realistas para uma paz que interesse a todos: uma paz justa e duradoura. O agressor não pode sair incólume depois de provocar o conflito mais grave desde a Segunda Guerra Mundial no centro da Europa.

O que significa desmilitari-

gem nuclear que exerce sobre a Europa.

NOT: A Rússia não perde prestígio com esta posição?

RT: Questiono se este deve ser o comportamento de um país que quer ser respeitado. Um país não precisa de ameaçar os outros, nem de ocupar 18 por cento do território de um vizinho, para mostrar a sua “grandeza”. Há outras formas de expandir influência económica, financeira, cultural ou humanitária, sem agredir vizinhos. Mas, infelizmente, é isso que acontece. E pior, é acompanhado de guerras híbridas contra países europeus: ataques de drones, operações subversivas e muito mais.

NOT: Quanto aos territórios que a Rússia ocupa hoje. A negociação vai passar por cedê-los?

RT: Essa decisão é muito difícil tanto para o Presidente como para todo o povo ucraniano, porque sabemos que cerca de 18 a 20% do nosso território está ocupado. E aceitar um cessar-fogo significa deixar esses territórios sob ocupação. Para nós, os territórios, não representam apenas recursos naturais, são recursos humanos, são as nossas pessoas que estão sob ocupação. E sabemos que, onde o agressor chega, destrói tudo, deixa prati-

amente terra queimada e, mais uma vez, as camadas mais vulneráveis da sociedade são as que mais sofrem, especialmente as mais de 19546 crianças ucranianas, segundo dados das Nações Unidas, raptadas e deportadas a força da Ucrânia. Por isso, a decisão de aceitar um cessar-fogo é muito difícil, mas, em nome da paz, é preciso começar de algum lado. Primeiro passo: cessar-fogo à mesa das negociações e falar de paz. Nós iremos recuperar os territórios, seja por via militar ou diplomática. A Ucrânia é uma, sempre foi, e será. É um país secular e assim continuará a ser. Infelizmente, não temos, neste momento, capacidade para reconquistar os nossos territórios, mas iremos recuperá-los. O primeiro passo é parar as hostilidades, parar esta carnificina e avançar para negociações de paz.

Um país não precisa de ameaçar os outros, nem de ocupar 18 por cento do território de um vizinho, para mostrar a sua “grandeza” ■

zação? Deixar a Ucrânia sem forças armadas? Com um vizinho tão imprevisível, com poderio nuclear e membro permanente

do Conselho de Segurança, com direito de veto, como é a Rússia?

Isso preocupa não só a Ucrânia, mas todos os vizinhos da Federação Russa e o mundo. Todos estão atentos ao comportamento imprevisível, agressivo, neo-imperialista da Rússia e à chanta-

mente terra queimada e, mais uma vez, as camadas mais vulneráveis da sociedade são as que mais sofrem, especialmente as mais de 19546 crianças ucranianas, segundo dados das Nações Unidas, raptadas e deportadas a força da Ucrânia. Por isso, a decisão de aceitar um cessar-fogo é muito difícil, mas, em nome da paz, é preciso começar de algum lado. Primeiro passo: cessar-fogo à mesa das negociações e falar de paz. Nós iremos recuperar os territórios, seja por via militar ou diplomática. A Ucrânia é uma, sempre foi, e será. É um país secular e assim continuará a ser. Infelizmente, não temos, neste momento, capacidade para reconquistar os nossos territórios, mas iremos recuperá-los. O primeiro passo é parar as hostilidades, parar esta carnificina e avançar para negociações de paz.

mente terra queimada e, mais uma vez, as camadas mais vulneráveis da sociedade são as que mais sofrem, especialmente as mais de 19546 crianças ucranianas, segundo dados das Nações Unidas, raptadas e deportadas a força da Ucrânia. Por isso, a decisão de aceitar um cessar-fogo é muito difícil, mas, em nome da paz, é preciso começar de algum lado. Primeiro passo: cessar-fogo à mesa das negociações e falar de paz. Nós iremos recuperar os territórios, seja por via militar ou diplomática. A Ucrânia é uma, sempre foi, e será. É um país secular e assim continuará a ser. Infelizmente, não temos, neste momento, capacidade para reconquistar os nossos territórios, mas iremos recuperá-los. O primeiro passo é parar as hostilidades, parar esta carnificina e avançar para negociações de paz.

mente terra queimada e, mais uma vez, as camadas mais vulneráveis da sociedade são as que mais sofrem, especialmente as mais de 19546 crianças ucranianas, segundo dados das Nações Unidas, raptadas e deportadas a força da Ucrânia. Por isso, a decisão de aceitar um cessar-fogo é muito difícil, mas, em nome da paz, é preciso começar de algum lado. Primeiro passo: cessar-fogo à mesa das negociações e falar de paz. Nós iremos recuperar os territórios, seja por via militar ou diplomática. A Ucrânia é uma, sempre foi, e será. É um país secular e assim continuará a ser. Infelizmente, não temos, neste momento, capacidade para reconquistar os nossos territórios, mas iremos recuperá-los. O primeiro passo é parar as hostilidades, parar esta carnificina e avançar para negociações de paz.



“Estamos aqui para dar a conhecer a nossa posição sobre a agressão que estamos a sofrer”